

LESLIE WOLFE

A RAPARIGA
NA ÁGUA

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos livros

1

CASCATAS

Malia usava uma flor no cabelo. Não era uma flor qualquer; tinha passado pelo inferno das compras *online* para conseguir que lhe entregassem a flor de *frangipani* no hotel nessa manhã, mesmo a tempo da sua planeada viagem às cascatas do rio Blackwater. Pagara uma fortuna por ela, mas valia cada cêntimo.

Usava a flor perfumada sobre a orelha esquerda, um costume havaiano que dizia ao mundo inteiro que o seu coração tinha dono. Um cromo dos computadores de vinte e sete anos, atraente e ligeiramente desajeitado, de São Francisco, chamado Tobias Grabowsky, a quem o significado simbólico do *frangipani* ia provavelmente passar ao lado, isso se reparasse sequer na flor.

Não importava. Queria na mesma que a flor fosse a ideal, que o seu cabelo tivesse um brilho perfeito, o aroma das pétalas a envolvê-la como uma bruma do céu, portadora de amor e sorte. Mas desejava ter podido vestir outra coisa para aquela ocasião especial. Retraía-se ao pensar em ser pedida em casamento de calções bege e camisola vermelha, em vez de num esvoaçante vestido branco aos folhos com os ombros à mostra. No entanto, se Toby queria levá-la às cascatas do rio Blackwater nessa manhã, tinha de fingir que não sabia porquê e de usar roupa apropriada para uma caminhada.

Mas sabia, e o entusiasmo tinha-a dominado desde o momento em que descobrira o anel de diamante no bolso do seu casaco.

Na noite em que chegaram a Mount Chester, ficara preocupada com o comportamento estranho dele. Pouco depois do jantar, habilmente servido por uma loura com um decote tão profundo que devia estar restrito exclusivamente a adultos, notara que Toby estava constantemente a tocar no bolso direito, como que a certificar-se de que algo precioso continuava lá, guardado em segurança. Era o bolso onde tinha enfiado o troco e a conta do jantar, e Malia temia que a menina Decote lhe pudesse ter passado o seu número de telefone. Ansiosa durante o resto da noite, Malia mal podia esperar por regressar ao seu quarto de hotel. Aí, com a paciência de uma aranha faminta, esperou que Toby entrasse no duche, enfiando depois a mão no bolso e encontrando-o.

A beldade de um quilate não era certamente para a menina Maminhas.

Antes de Toby ter saído do duche, já ela tinha o seu plano definido. Certificar-se-ia de que era um momento memorável, e ainda que tivesse de usar calções, ao menos tudo o mais seria perfeito.

As cascatas do rio Blackwater ficavam a uma hora de caminhada do hotel, subindo a um ritmo suave pela encosta oeste de Mount Chester através de uma assombrosamente bela floresta outonal. À medida que iam ganhando elevação, carvalhos e áceres davam lugar a uma variedade de pinheiros e abetos, enchendo o caminho com as suas pinhas. De mãos dadas, caminharam com entusiasmo, a impaciência dela levando Toby a perguntar um par de vezes:

– Porquê a pressa?

Malia limitou-se a sorrir em resposta e a abrandar um pouco, chegando mesmo a parar para encostar os lábios aos seus por um rápido momento, antes de recomeçar a subir rapidamente a colina.

Estavam a uns bons dez minutos de distância quando o sussurro das cascatas começou a fazer-se ouvir, ténue e distante, mas preciso, melodioso, ecoando contra as encostas rochosas da montanha.

– Já as vejo – anunciou Malia alegremente, soltando a mão de Toby e desatando a correr à sua frente. – Chegámos.

– Certo – respondeu Toby, arquejando pesadamente. – Continuarão ali dentro de alguns minutos, sabes? – gracejou, parando por um momento e olhando em redor.

Malia correu para junto dele e agarrou-lhe na mão, puxando-o depois para a frente do trilho.

– Anda, descansas quando lá chegarmos – disse, e ele seguiu-a com um suspiro resignado. – Tens de fazer mais exercício – acrescentou.

Mal lhe faltava o fôlego, o ar fresco a encher-lhe os pulmões de pura energia.

– Passas o dia inteiro sentado diante de um ecrã – começou, após o que mordeu o lábio. Talvez devesse esperar até depois do casamento para o começar a criticar. Em vez disso, desatou a rir, imaginando-se como a esposa chata, de mãos apoiadas nas ancas, a bater com a ponta do chinelo nas reluzentes tábuas do soalho do seu futuro lar.

– O que foi? – perguntou ele.

– Ah, nada, estou só feliz – retorquiu Malia, erguendo os braços no ar e rodopiando sem sair do lugar como um dervixe. – Iupi! – gritou, e a montanha logo repercutiu o som. – Ouviste?

– Sim, tal como meio estado da Califórnia.

Um soco rapidamente se lhe seguiu, e ela irrompeu em cristalinas gargalhadas ao vê-lo fingir-se de ferido e cair por terra, agarrado ao flanco e a gemer como se estivesse prestes a sofrer uma morte horrível. Agora, passaria a ter terra e caruma na *T-shirt* branca com que a ia pedir em casamento, mas Malia não se importava tanto com isso quanto julgara. Simplesmente, adorava ouvi-lo rir.

Ao levantar-se, Toby tocou fugazmente no bolso, sacudindo depois alguma terra dos ombros. Malia passou-lhe as mãos pelas costas, limpando o que quer que se tivesse agarrado ao tecido de algodão. Em seguida, deram de novo as mãos e continuaram em frente.

Em poucos minutos desbravaram a floresta, parando depois, de mãos dadas, a admirar a alta e estreita cascata recortada contra o céu azul, ladeada por rochas tingidas de vermelho-ferrugem. Ainda ofegante, Toby lançou-lhe um longo olhar terno, como que a tentar decidir o que fazer a seguir, após o que se agachou para desapertar os atacadores e descalçar os sapatos.

– O que estás a fazer? – perguntou Malia, a voz cheia de desilusão, depois de o seu coração ter subitamente parado ao pensar que ele ia pôr-se de joelhos e pedi-la em casamento diante das majestosas cascatas, só para o ver preocupado com os atacadores emaranhados do seu ténis esquerdo.

Ele tirou ambos os sapatos e convidou-a a fazer o mesmo.

– Vamos entrar ali – respondeu, apontando para a cascata –, atrás daquela cortina de água. Li que há lá uma gruta, não muito grande, e que a água só tem alguns centímetros de profundidade.

Malia hesitou, imaginando-se a mergulhar os pés descalços na água gelada. Forçou um sorriso e tirou os sapatos e as meias, avançando depois em bicos de pés, vacilante, pela gravilha afiada que pejava o caminho até à bacia da cascata.

Toby entrou primeiro, sem hesitar.

– Sim, está gelada, mas não vais sentir – tranquilizou-a ele, após ter recuperado o fôlego. – Anda. – Puxou-lhe suavemente a mão. – Dá o salto comigo.

O rosto de Malia iluminou-se num sorriso radiante. Estava pronta para dar o salto com ele, o maior de todos, para o resto da vida. Hesitante, enfiou um pé na água gelada, e depois o outro. Ele tinha razão. Ao fim de alguns instantes, deixou de sentir tanto o frio.

Chapinharam em direção à cortina de água, e a ideia de atravessar uma chuva de água gelada para chegar à gruta fê-la retrair-se, mas não foi isso que aconteceu. Havia uma estreita abertura de lado, suficiente para lhes permitir entrar. No interior do espaço quase escuro, o forte som da cascata atenuava-se e parecia distante, como se o silêncio da gruta absorvesse os gritos da estrondosa catarata. Filtrada e impotente, a luz que atravessava a torrente mal tocava as paredes brilhantes.

Malia perscrutou a sua envolvente por um rápido momento. As paredes tinham manchas em tons de verde e vermelho-ferrugem, com marcas esbranquiçadas aqui e além, onde a rocha calcária se mesclava com o granito. Mergulhou a mão na água gelada e formou uma concha com a palma para recolher um pouco. Queria prová-la, mas Toby travou-lhe a mão antes de chegar aos lábios.

– Eu não faria isso – disse ele. – Nunca se sabe o que contém.

Ela olhou para a água, ainda empoçada na concha da sua mão.

– Parece ter um tom rosado ou é só da luz?

– Pode ser do que manchou estas paredes. – Toby olhou rapidamente em redor, abrindo depois um grande sorriso, visivelmente nervoso. – Mas não estou aqui para fazer espeleologia. – Baixou-se

sobre um joelho curvado, mergulhando-o na água gelada, enquanto a sua mão revelava o anel aninhado na sua caixa de veludo negro. – Queria que fôssemos só tu e eu, minha encantadora Malia, quando te perguntasse isto: queres casar comigo?

Os olhos de Malia arregalaram-se em surpresa fingida e prazer sincero, enquanto o seu sorriso se ampliava. Juntou as mãos, entusiasmada, estendendo depois a esquerda a Toby. Ele tirou o anel da caixa e enfiou-lho no dedo. Malia fitou-o, sorridente, selando cada pormenor da imagem na sua memória para a recordar para sempre, até que a morte os separasse.

Então, gritou, um longo e cauterizante grito de puro terror.

Uma mão pálida, de longos e finos dedos, roçava a barriga da perna de Toby, movendo-se lentamente nas águas ondulantes.

Toby levantou-se e correu para ela, agarrando-a pelos ombros.

– O que foi? O quê?

Sem palavras, Malia apontou para o corpo que se movia lentamente para trás e para a frente sob a superfície das águas, quase invisível à luz ténue.

À luz da lanterna do telemóvel de Toby, viu que uma grande rocha segurava o corpo da rapariga, prendendo-o ao fundo da gruta. Os longos cabelos negros e o braço direito tinham subido à superfície, a água com apenas trinta centímetros de profundidade, impelidos pelo constante cair da cascata.

Parecia viva, o cabelo a flutuar livremente na água como que a fluir ao vento, o seu belo rosto imaculado, os lábios vermelhos suavemente entreabertos, como que para deixar escapar o seu último suspiro. Os seus olhos pareciam fitá-los, surpreendidos, horrorizados, o terror dos seus últimos momentos ainda vivo nas suas íris. Um pequeno medalhão vermelho flutuava mesmo junto ao seu rosto, ainda preso ao pescoço por uma corrente de prata.

Não podia ter mais de dezassete anos.

2

CASA

A detetive Kay Sharp estava ainda a habituar-se a viver de novo com o irmão na casa de infância que oito anos antes tinha deixado para trás. Era uma vasta e, às vezes, inquietante mistura de emoções. Amava Jacob e sentira a sua falta ao longo dos anos. Por outro lado, após ter vivido sozinha durante todo esse tempo, desenvolvera uma baixa tolerância a tralha, confusão, pratos sujos no lava-loiça e qualquer outra forma de vida desorganizada, sobretudo quando o seu irmão mais novo se tinha habituado a ser o típico solteirão desmazelado. Também a casa em si guardava memórias, algumas delas doces, da sua mãe a fazer bolachas e bolos de aniversário ou a cantar para eles. Outras eram amargas e enfurecedoras, das fúrias alimentadas a álcool do seu pai e das suas dolorosas consequências.

Menos de um mês após ter regressado a Mount Chester, começava a sentir-se impaciente por deixar a sua casa de família. Mas a última vez que uma casa tinha sido posta à venda em Mount Chester fora há mais de um ano; era uma sofisticada cabana de esqui no cimo da montanha, e um qualquer acionista de Silicon Valley apressara-se a investir uma batelada de dinheiro nela. Nada mais tinha aparecido no mercado desde então. Até o agente imobiliário local tinha um segundo emprego.

Mount Chester era um meio pequeno, estância de esqui incluída. A maioria dos habitantes da cidade tinha empregos sazonais na montanha,

em restaurantes ou hotéis, na operação ou manutenção dos teleféricos ou a atender os turistas. Excelente local para visitar e passar algum tempo nas encostas, ou, durante o verão, nas infinitamente sinuosas margens do Lago Silencioso, Mount Chester era o lar de apenas 3823 habitantes, como constava do sinal limítrofe da cidade. Ainda que, muito recentemente, ao passar por lá a alta velocidade, Kay tivesse notado que o número tinha sido ajustado para 3824, fazendo-a interrogar-se por um breve instante se o habitante adicional que alguém tinha recenseado não seria efetivamente ela. Afinal, tinha atualizado a morada na sua carta de condução, o que a tornava oficialmente uma residente de Mount Chester. Mas não teve de se interrogar durante muito tempo. Pouco depois, algo rabiscado sob o número de habitantes da cidade fê-la pôr o carro em marcha-atrás e ir ver mais de perto. A giz branco, alguém tinha escrito no sinal verde «BEM-VINDA A CASA, DRA. SHARP» em letras maiúsculas.

Era assim a vida num meio pequeno, algo a que ainda se estava a tentar habituar, depois de todo o tempo que tinha passado fora, levando as coisas um dia de cada vez.

Kay estava acordada desde o amanhecer, apesar de o seu turno só começar mais tarde. Não era propriamente um turno tradicional; o Gabinete do Xerife de Mount Chester mal tinha dimensão suficiente para justificar dois detetives na folha de pagamentos, e Kay ainda se interrogava sobre o porquê de o xerife Logan ter decidido oferecer-lhe o emprego apenas uma semana antes. Um dos benefícios da pequena dimensão da equipa era que tinha um pouco mais de flexibilidade no seu horário de entrada, uma vez que fazia muitas horas sempre que estava a trabalhar num caso. A mesma regra aplicava-se ao seu parceiro, o homem cujos olhos azuis e ar bem-parecido a tinham, em grande medida, convencido a ficar, o detetive Elliot Young, de Austin, no Texas. Tinha-o ajudado com o caso de um assassino em série, na qualidade oficiosa/semioficial de consultora. Em seguida, fora surpreendida com a oferta de um cargo permanente no Gabinete do Xerife local. Por último, surpreendera-se a si mesma ao aceitá-lo, e parte da culpa era de um certo detetive em particular, ainda que ele não o soubesse.